



Assembleia geral dia 18 vota indicativo de greve

Na próxima sexta-feira, dia 18, a partir das 19h, faremos uma assembleia decisiva: votaremos o indicativo de greve. “Se a Fenaban continuar com o mesmo comportamento, com enrolação, na reunião de negociação marcada para esta quinta (17), sem apresentar qualquer proposta ou algo satisfatório para as reivindicações levadas pela categoria na Campanha Nacional dos Bancários 2009, não teremos dúvidas de aprovar o indicativo de greve. E nos prepararemos, em seguida, para deflagrar a paralisação geral dos bancos na semana seguinte”, adianta Rodrigo

Britto, presidente do Sindicato.

Para ele, as denúncias feitas na Campanha de que os bancos abusam são corroboradas pelo desrespeito demonstrado pela Fenaban nas negociações com o Comando Nacional dos Bancários e também pelas direções dos bancos nas mesas de discussão das pautas específicas (ver páginas 2 e 3).

Os bancos formam o setor que mais lucrou no país, mesmo no período de crise financeira mundial. Só os cinco principais bancos, por exemplo, tiveram um lucro líquido de R\$ 15,4 bilhões no primeiro semestre. Mesmo assim, cobrando tarifas e juros altíssimos, com “spread”

(a diferença entre o que as instituições pagam para captar recursos e o que cobram dos clientes) que constitui o segundo maior do mundo, ficando apenas atrás do Zimbábue, os bancos foram os responsáveis pela demissão de 2.224 bancários nos primeiros seis meses do ano.

Os lucros astronômicos são inversamente proporcionais à sua responsabilidade social. Além de demitirem, as instituições financeiras diminuíram o bolo salarial usando o mecanismo da rotatividade de mão de obra (demissão dos bancários com salários mais altos e contratação de novos com salários baixos), exploraram a categoria

com metas inatingíveis, propiciando o assédio moral e o adoecimento de muitos funcionários, provocaram filas intermináveis por falta de empregados e insegurança nas agências, colocando sob estresse e risco empregados, clientes e usuários. Os bancos privados fizeram pior ainda. Restringiram a oferta de créditos e praticamente nada contribuíram para a geração de renda, emprego e desenvolvimento no momento em que o país mais necessitou.

“Não há justificativa para a continuidade dessa situação nem para o não atendimento das nossas reivindicações. Chega de enrolação”, enfatiza Rodrigo Britto.

Bancários dão demonstração de força e organização

Centenas de agências bancárias foram paralisadas parcialmente na semana passada em todo o país. Foi apenas uma demonstração do descontentamento da categoria em relação às condições atuais de trabalho e ao andamento das negociações. A manifestação revelou aos banqueiros a disposição de luta dos bancários para o atendimento de suas reivindicações.

Em Brasília, dezenas de agências tiveram o início das atividades retardado nos dias 10, 11 e 15 na W3 Norte, no Lago Sul e em São Sebastião, quando os bancários cruzaram os braços durante meio período.

Para o presidente do Sindicato, Rodrigo Britto, “foi uma manifestação com resultados positivos, pois mostrou que os bancários estão dispostos a se unir em torno das metas desta campanha salarial, mesmo que seja necessária a greve”.



EDITORIAL

O Banco não é do Joaquim, nem do César. É do Brasil.

A nova campanha publicitária do Banco do Brasil reflete o que a maioria da população brasileira espera dessa instituição bicentenária: uma empresa pública, que atenda os interesses do povo brasileiro.

Foi grande a luta contra a privatização do BB nos governos neoliberais tucanos. Organizada pelo conjunto dos movimentos sociais brasileiros, pelo Sindicato e pela CUT, essa luta conseguiu impedir o desmonte que o governo Fernando Henrique Cardoso propunha.

O Sindicato sempre defendeu que o BB deveria desempenhar um papel de promotor, ao lado de outros órgãos e instituições públicas, do desenvolvimento social e econômico do Brasil. Este pensamento mostrou-se correto nos últimos meses deste governo Lula, a partir de políticas de redução de juros, ampliação e diversificação de crédito, para a geração de renda e emprego. Os bancos públicos foram instrumentos fundamentais, entre outras medidas, para a superação dos reflexos da crise financeira internacional.

Todavia, ainda há muito a avançar na valorização dos funcionários, que constituem a base do fortalecimento e crescimento do banco e do sucesso dos seus programas. Os bancários ainda sofrem com baixos salários, sobrecarga de trabalho por falta de pessoal, assédio moral e tantos outros problemas inadmissíveis no trato daqueles que são o maior patrimônio desta importante instituição.

Os funcionários precisam ser respeitados. O BB precisa cumprir a jornada de 6 horas para todos, pagar as substituições exercidas, combater o assédio moral, aumentar o piso, assegurar isonomia e PCCS justo e contratar mais funcionários. Por isso, como nos ensina o passado, a mobilização e luta dos trabalhadores é fundamental para essas conquistas.

Rodrigo Britto, presidente

Quatro rodadas de negociação com a Fenaban e até agora nada de propostas



O resultado da última rodada de negociação entre o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban, na semana passada, que tratou de saúde, condições de trabalho e cláusulas sociais, foi mais um banho de água fria nas expectativas dos trabalhadores. Foi a quarta reunião com os bancos, que mais uma vez vieram com a falácia de sempre e sem respostas às demandas da categoria pelo fim do assédio moral, das metas abusivas e por mais segurança nas agências.

Mais de um mês se passou desde a entrega da pauta geral de reivindicações, em 10 de agosto, e os bancários até agora não viram nada de concreto também em relação às reivindicações de aumento real de salário, PLR maior e mais justa, garantia de emprego e mais contratações, PCCS para todos, discutidas exaustivamente nas três rodadas anteriores. No caso da PLR, a situação é ainda mais complicada, já que os banqueiros têm em mãos desde julho passado novo modelo proposto pelos trabalhadores após longos e intensos debates durante o primeiro semestre de negociações.

A primeira reunião foi realizada dia 18 de agosto e definiu o calendário das negociações, que foram divididas em blocos temáticos. Na ocasião também entraram em pauta PLR e medidas de prevenção à chamada gripe suína. Os únicos avanços sobre esses pontos foram a concordância pela Fenaban de que há acúmulo de debate sobre a PLR e, relativamente à gripe A, a garantia de que o "afastamento preventivo" das gestantes não acarretará impacto na remuneração, nas férias, na licença maternidade e nos demais direitos das bancárias.

As reivindicações por mais contratações, pela garantia de emprego e fim das terceirizações foram os assuntos do dia 27 do mês passado, cujos resultados novamente decepcionaram os trabalhadores. Os patrões rejeitaram todas as reivindicações apresentadas. Foi uma avalanche de negativas: se recusaram a dar garantias de preservação dos postos de trabalho; não quiseram discutir mais contratações nem mecanismos para garantir o cumprimento da jornada de 6 horas; e

descartaram a possibilidade de discutir a limitação de permanência máxima de 15 minutos nas filas das agências.

"Os bancos estão abusando da nossa paciência e pagando para ver a força da mobilização dos bancários. Isso fica claro quando fazemos um balanço das negociações até agora. Muita discussão e quase nada se avançou. Está mais do que na hora de eles levarem a sério a pauta dos trabalhadores, caso contrário iremos à greve", avisa o presidente do Sindicato, Rodrigo Britto.

Setor teve lucros enormes e se nega a dar aumento real

O mesmo descaso a Fenaban demonstrou nas questões sobre remuneração, em reunião no dia 2 passado. Nada foi apresentado sobre índice de reajuste e, o mais grave, sob o argumento de que, em função da crise econômica, os bancos não estão dispostos a pagar aumento real de salário. E foram além: para eles, os bancários já tiveram cinco anos consecutivos de ganhos acima da inflação e este ano há dificuldades para pagar. "É um verdadeiro descalabro um argumento dessa natureza, ainda mais vindo de um dos setores que mais lucram na economia brasileira", dispara o secretário-geral do Sindicato, André Nepomuceno.

Somente no primeiro semestre de 2009, os bancos responderam por quase 25% dos ganhos do total das 303 empresas de capital aberto do país que já apresentaram seus balanços. Os 5 maiores bancos que publicaram resultados tiveram lucro líquido conjunto de R\$ 15,4 bilhões. "É dinheiro que dá e sobra para o atendimento das justas reivindicações dos bancários, que de fato são os principais responsáveis pelo bom desempenho registrado pelas instituições financeiras ao longo dos últimos anos", lembra o presidente do Sindicato, Rodrigo Britto.

Uma nova rodada de negociações com os representantes dos bancos acontece nessa quinta-feira, dia 17, e a expectativa é que, enfim, sejam apresentadas respostas ao que os bancários exigem. Caso contrário, é greve.

Sem avanços na negociação específica cresce a expectativa de greve

Não houve avanços durante a negociação entre o Comando Nacional dos Bancários, a Comissão de Empresa dos Funcionários do BB (CEBB) e a direção do banco, ocorrida na última sexta-feira (11). Na maioria das questões, os representantes patronais disseram que só vão se posicionar depois da reunião do Comando Nacional dos Bancários com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), que ocorrerá dia 17 de setembro.

Um dos principais pontos da minuta de reivindicações específicas foi a implantação do Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS). Os representantes patronais simplesmente se recusaram a tratar o assunto, dizendo não ter autorização da Dest (Departamento de Coordenação e Controle das Empresas Estatais). Para o presidente do Sindicato, Rodrigo Britto, "o PCCS é um das prioridades dos bancários do BB na campanha salarial deste ano e a categoria não admitirá, mesmo que seja obrigada a partir para a greve, que o banco deixe o assunto de lado e não apresente uma proposta adequada".

Quanto à contratação de mais empregados, o banco também não deu definição. Informou apenas que pretende fazer uma proposta em breve, adiantando que será polêmica. Um dos temas tratados foi o desencontro de informações a respeito da mudança nos critérios de lateralidade nas agências com até sete funcionários, anunciada pela empresa na última negociação, ocorrida no dia 1º de setembro. Na ocasião, o banco informou aos representantes dos trabalhadores que qualquer bancário poderia ser nomeado substituto dos funcionários ausentes, inclusive os lotados na mesma agência. Mais tarde, a empresa divulgou comunicado interno retificando a informação e dizendo que os bancários da mesma agência não poderiam ser substitutos. A empresa alegou falha na comunicação, dizendo que a proposta do banco realmente impede que funcionários da mesma agência sejam nomeados.

O banco também concordou em renovar algumas cláusulas do



aditivo atual, como adiantamento do 13º salário, ausências remuneradas e permitidas, indenização por morte, movimentação de pessoal, anualização da licença-prêmio, escala de férias e outras. Uma conquista foi a garantia de adiantamento para trabalhadores que foram vítimas de assalto ou seqüestro.

O banco mostrou-se com disposição para avançar quanto à situação da licença-adoção para casais homoafetivos. Da mesma forma, o banco afirmou também ter permissão para apresentar propostas sobre a questão de gênero e reforçou que pretende criar comitês de ética para combater o assédio moral na empresa.

Em contrapartida, a situação dos funcionários do Besc e Nossa Caixa ainda não foi resolvida. O banco afirmou que eles ainda estão em fase de levantamento de dados para depois decidir como ficarão as questões do plano de previdência e assistência de saúde. Apesar de incorporados, esses bancários ainda não têm os mesmos direitos dos empregados do BB.

Uma negociação a conta-gotas

Esta falta de avanços tem sido uma constante nas negociações do BB. Temas como Plano de Cargos e Salários (PCS), Plano de Cargos Comissionados (PCC), jornada legal de 6 horas diárias, combate ao assédio moral, salário do substituto,

abono assiduidade de 5 dias por ano civil, parcelamento das férias para funcionários a partir de 50 anos e processo de negociação permanente continuam sem definições.

Da mesma forma, permanece a trava de dois anos que tem indignado vários bancários. Sem mais nem menos, o banco aumentou de um ano para dois anos o período no qual o funcionário não pode se remover ou concorrer a outro cargo. Apesar da indiferença do banco, o Sindicato continuará esta luta. Segundo o diretor do Sindicato, Rafael Zanon, "muitos aprovados no concurso de 2006 não querem mais assumir por causa da trava que impossibilita a remoção e a ascensão

profissional por dois anos".

Uma nova reunião de negociação foi pré-agendada para o dia 18 de agosto, às 10h. O local ainda não foi definido. "Os bancários têm de continuar mobilizados e preparados para a luta. Ainda mais nessa situação sem progresso", avalia Eduardo Araújo, representante da Federação Centro-Norte na CEBB e diretor do Sindicato.

Atos marcam as negociações do Banco do Brasil

Para reforçar a mobilização e a pressão, o Sindicato tem promovido atos na Praça do Cebolão, em frente à Sede III, na hora do almoço, nos dias de negociação. As reuniões entre o Comando Nacional e a Comissão de Empresa dos Funcionários vem acontecendo no período da tarde.

Os atos contam com artistas independentes, música ao vivo, performances teatrais que fazem referências à sobrecarga de trabalho dos bancários e às condições de atendimento, cartazes e distribuição de panfletos. A idéia é chamar a atenção da categoria para a negociação e cobrar da direção do banco propostas para as reivindicações específicas dos funcionários.



Semifinais cheias de emoção na Copa dos Bancários

A Copa dos Bancários chega às semifinais. Os invictos Juvenil S.A. e HSBCITI disputam uma das vagas da finalíssima, enquanto Dynamo/Poupex e Bem, Amigos, cada um com apenas uma derrota, se enfrentam pela outra vaga. As semifinais estão marcadas para o próximo domingo, 20 de setembro, a partir das 9h, no Clube do HSBC, na Associação Brasil.

O artilheiro da Copa continua sendo Luiz Arthur Feitosa, do Caixa Fundo, mesmo o time sendo eliminado nas oitavas de final. A média de gols caiu de 8,5 para 6,5 gols por partida. Até agora, em 62 jogos, os bancários já marcaram um total de 403 gols.



A Taça Disciplina e o prêmio Melhor Defesa continuam, por enquanto, com o Bem, Amigos e Juvenil S.A., respectivamente.

Uma sessão especial e gratuita de teatro só para filhos de bancários

No dia 27, às 15h, haverá uma sessão especial da peça *Aladdin e a Lâmpada Mágica* para os filhos de bancários. Os interessados devem retirar o convite na bilheteria do Sindicato. Os convites são gratuitos e em número limitado. Mais de 70 crianças de duas creches de Ceilândia também assistirão à peça. Esta será a primeira oportunidade na vida delas de irem ao teatro.

A peça, montada por um grupo carioca e dirigida por Beto Moreno,



estará em cartaz, com sessões normais, na sede do Sindicato nos dias 26 e 27 de setembro, com início às 17h. Os ingressos custam R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Doadores de um quilo de alimento não perecível pagam meia entrada.

Com muita interatividade com o público, a peça conta a história de um feiticeiro que rouba a lâmpada mágica. Com os poderes dela, ameaça sumir com todas as histórias dos livros infantis. Cabe a Aladdin recuperar a lâmpada e salvar as histórias para que as crianças possam lê-las.

Sindicato exhibe “Toda criança é especial” na Semana da Pessoa com Deficiência

O Teatro dos Bancários exhibe nesta semana o filme *Toda criança é especial*, dentro da Semana da Pessoa com Deficiência. A iniciativa é da equipe da Sala de Recursos da Escola Parque 314/315 Sul em parceria com o Sindicato e tem por objetivo sensibilizar a sociedade e chamar a atenção para a realidade das pessoas com necessidades especiais.

São duas exhibições por dia programado (segunda, terça e quinta): às 9h e às 14h. O Teatro dos Bancários tem capacidade para 474 pessoas. Parte dos ingressos foi reservada para grupos escolares.

Toda criança é especial conta a história de Ishaan, uma criança indiana vítima de dislexia, distúrbio caracterizado pela dificuldade na área da



leitura, escrita e soletração. O garoto irá enfrentar uma série de percalços até ter a doença diagnosticada e ser encaminhado para tratamento.

CINECLUBE Bancário APRESENTA

21 de setembro

VESTIDO DE NOIVA

De Joffre Rodrigues – Drama, 115 min, 2006.

Elenco: Marília Pera, Simone Spoladore, Leticia Sabatella, Marcos Winter e Bete Mendes – 14 anos



Após ser atropelada, a bela Alaíde (Simone Spoladore) é levada para o hospital com muitas dores, alucinação e perda de memória. Ela se lembra de sua vida desde o momento em que leu o diário da cafetina Madame Clessi (Marília Pera), ao mudar-se para a casa que fora, há 37 anos, um bordel. Nesse misto de alucinação e memória ela se encontra com a mítica cafetina, a quem conta tudo o que se passou após a morte desta. Alaíde também consegue se lembrar das brigas que teve com sua irmã, que amava o homem que na época era seu noivo e depois tornou-se seu marido.

28 de setembro

ACHADOS E PERDIDOS

De José Joffily – Policial, 100 min, 2005.

Elenco: Antônio Fagundes, Zezé Polessa, Juliana Knust – 16 anos



Vieira, um ex-delegado, percebe que passou a vida toda jogando com a morte. Mesmo tendo jurado nunca mais matar ninguém, é o principal suspeito de um assassinato. Para piorar a situação, um velho amigo volta do passado para assombrá-lo com coisas que já havia enterrado. Atormentado, Vieira cai nos encantos da jovem Flor, amiga de sua amante, a prostituta Magali. *Achados e perdidos* é um filme policial ambientado no submundo de Copacabana com requintes de suspense e sensualidade, onde nada é o que parece ser.